Tapioca flakes e *manioc puffs*

Nos últimos anos, com o recrudescimento do debate em torno da questão alimentar, a mídia tem destacado alternativas alimentares capazes de minimizar a carência nutricional de um contingente da população brasileira. Certas partes normalmente desprezadas dos vegetais, como farelo de arroz tostado, folhas de mandioca, folhas de batata-doce, folhas e sementes de abóbora, farinha mista de farelo de arroz e trigo, ervas daninhas (caruru, serralha etc.), podem ser valiosas fontes nutricionais. Positivas do ponto de vista cultural, essas propostas correm o risco de ofuscar o fato de que o real gargalo da questão alimentar não se localiza na oferta de produtos agrícolas e sim na capacidade de compra dos consumidores. Por que não incentivar então o consumo de produtos cuja oferta abundante condiciona preços mais favoráveis para a populaçãc? No caso da mandioca, a oferta anual é surpreendentemente grande: da ordem de 24 milhões de toneladas de raiz, mais que o dobro da oferta anual de arroz em casca e oito vezes mais que a produção anual de feijão (médias dos últimos cinco anos). Ou quase três vezes mais que o consumo de trigo no ano passado.

Um artigo recente, publicado na *Gazeta Mercantil*, cita as palavras do dr. Paulo de Tarso Alvim, cientista da área agronômica, que no início da década de 70 alertava: "Se a mandioca fosse americana, todo mundo estaria comendo hoje *tapioca flakes* e *manioc puffs*". Um mercado fortalecido de derivados sem dúvida teria colocado a cultura e a atividade agroindustrial a ela vinculada na rota do desenvolvimento. Mas hábitos alimentares fortemente influenciados pela cultura européia estancaram esse desenvolvimento.

Desde a década de 70, estuda-se como aproveitar melhor a raiz de mandioca. Mas a despeito do cultivo bem-adaptado às condições ambientais brasileiras, a acentuada perecibilidade da raiz limita seu aproveitamento industrial. Há também um limite tecnológico para a substituição parcial da farinha de trigo pela de mandioca na fabricação de pães. Misturadas com a água, as proteínas da farinha de trigo permitem que a massa aumente de volume, pela ação dos gases produzidos na fermentação e expandidos no assamento, sem se romper facilmente. Essa rede elástica, o glúten, é responsável pela estrutura macia e porosa do pão de trigo. A adição de outras farinhas ricas em amido, como as de mandioca e milho, altera a consistência da massa produzida, diluindo e enfraquecendo o glúten.

Alguns estudos feitos pelo Centro de Tecnologia Agrícola e Alimentar, da Embrapa, no entanto, concluíram que pães produzidos com até 15% de adição de farinha de raspas de mandioca apresentam características aceitáveis. O famoso pão de queijo nada mais é que um pão de mandioca, basicamente de polvilho azedo (fécula). Estima-se que os super e hipermercados (S&H) comercializam anualmente cerca de 1.520t de pães de queijo congelados, 393t de massa semipronta para pão de queijo e 4.208t de pré-mix (mistura de fécula ou farinha de mandioca com farinha de trigo para a fabricação de massas diversas). Em São Paulo, consomem-se cerca de 6 mil toneladas de polvilho azedo por ano, o que representaria em 1995 perto de 25% da produção nacional. Há oportunidades no mercado de pães de queijo congelados, com crescimento dinâmico e ausência de marcas fortes, assim como em seu uso como *fast food* nas lanchonetes e lojas especializadas.

A Sociedade Brasileira de Mandioca aponta a Yoki e a Hikari como dominantes na venda de produtos empacotados de fécula, polvilho azedo e pré-mix em S&H, além das empresas do mercado de congelados e biscoitos. Fora dos S&H, o fornecimento de polvilho azedo e de fécula é dominado pela Caribé do Brasil, mas também pode-se mencionar a boa imagem da Amafil, empresa do Paraná, estado onde se encontram as raízes mais baratas e a maior produção industrial a partir do "mais brasileiro dos alimentos".

ELIANA CONDE BARROSO LEITE VIGLIO

MILHO

Safrinha 12% menor

À medida que se inicia a colheita da safrinha de milho de 1996, o país vem refazendo as contas em relação à situação do abastecimento interno do cereal. Isso porque, enquanto o plantio esperado para a segunda safra fizera prever uma compensação às perdas da primeira colheita, as condições meteorológicas observadas durante a maturação da planta ao final do primeiro semestre foram adversas, obrigando a uma revisão baixista dos números. Prevê-se aumento da especulação no mercado do grão no último trimestre, embora a retração da demanda avícola atenue a subida de preços esboçada desde o final da colheita da primeira safra.

Em maio último, os dados levantados pelo IBGE previam a produção da safrinha em 3,7 milhões de toneladas, ou 6% acima da quantidade obtida no ano passado. No caso, estimava-se que as regiões Sudeste e Centro-Oeste viessem a produzir, respectivamente, 7,3 e 2,3% a mais do que um ano antes, enquanto o desempenho do Sul (representado apenas pelo estado do Paraná) estava previsto 11% abaixo.

É interessante notar a existência de dois posicionamentos distintos no que diz respeito à safrinha, pela ótica dos produtores. O primeiro é o de que, em se tratando de um plantio de alto risco, deve ser realizado com baixa utilização de tecnologia, de modo a minimizarem-se as perdas. Já o segundo é o de que, exatamente devi-

BIBLIOTECA KARL A. BOE

Brasil — milho — safra total e segunda safra

Área, produção e rendimento físico — 1992 a 1996 — em ha, toneladas e kg/ha

Ano	Área (ha)		Produção (t)		Rendimento (kg/ha)	
	Safra total	2ª safra	Safra total	2ª safra	Safra total	2ª safra
1992	13.363.609	863.295	30.506.127	1.460.219	2.283	1.690
1993	11.870.763	1.121.074	30.051.333	2.265.682	2.532	2.020
1994	13.747.739	1.422.399	32.487.400	2.316.828	2.363	1.630
1995	13.996.401	1.644.030	36.326.140	3.502.719	2.595	2.130
1996	13.131.554	1.761.289	31.501.591	3.719.536	2.330	2.110

Fonte: IBGE.

do ao forte risco, torna-se compensador realizar maiores investimentos, na medida em que o eventual resultado positivo da colheita pode se traduzir em altos preços no caso de uma comercialização esvaziada pelas perdas.

Seja pelo maior investimento neste segundo plantio, seja pelas coincidentes boas condições climáticas registradas durante o desenvolvimento do grão (ou pela conjunção de ambos os fatores), vem sendo observado, desde 1993, o avanço do rendimento médio da safrinha (à exceção do observado em 1994, quando a seca mais acentuada do que o normal prejudicou a lavoura).

Tudo leva a crer, porém, que esta colheita venha a ser revista para menos no presente exercício, na medida em que, ao longo dos meses de junho e julho, observou-se forte estiagem em várias regiões produtoras paranaenses — estado responsável por cerca de 40% desta segunda colheita — que passaram a esperar quebras localizadas de até 40%.

Preços devem pesar mais

De uma forma geral, caso a safrinha deste ano venha a se concretizar no patamar inicialmente previsto, a produção total de milho da temporada 1995/96, de acordo com o IBGE, seria de 31,5 milhões de toneladas, ou 12% inferior à precedente. Portanto, tendo em vista os últimos acontecimentos, a oferta total, que estava prevista para ser da ordem de 41,8 milhões de toneladas[1] (4,3% menor do que a oferta recorde de 43,7 milhões relativos à temporada 1994/95), certamente ficará abaixo desse montante. É de se prever, portanto, a agudização do ambiente especulativo no mercado do grão no último trimestre do ano, muito embora a forte retração da demanda avícola venha se encarregando de arrefecer o movimento altista dos preços desenhado desde o final da colheita da primeira safra.

No caso da avicultura de postura, entre janeiro e agosto a queda acumulada na produção de ovos já chegava a 12%, como resultado da queda sistemática do plantel de poedeiras verificada no período. Outra não poderia ser a conseqüência, após a baixa de 47% observada no preço médio real do produto recebido pelos produtores de São Paulo ao longo do ano passado, comparativamente ao patamar de 1994, forçada pelo aumento de 19% registrado na produção de ovos no período.

A ação dos avicultores de postura foi sentida na ponta do varejo, conforme o comprova o preço dos ovos verificado no comércio da cidade de São Paulo. No primeiro quadrimestre, sua média foi de US$1,12/dúzia, a maior do período desde 1991. Por seu turno, a média de R$0,53/dúzia dos preços recebidos pelos produtores paulistas no primeiro semestre foi 38% maior do que o mesmo indicador relativo a 1995.

No que diz respeito à avicultura de corte, o quadro não é muito diferente, com os produtores recorrendo à contração do alojamento de matrizes de corte para forçarem a elevação do preço do frango, de forma a compatibilizá-lo com os novos patamares do preço do milho. Segundo informações da Associação Brasileira de Produtores de Pintos de Corte (Apinco), no primeiro quadrimestre do ano o percentual médio de ociosidade na produção brasileira de pintos de corte ficou em 10,4%, o maior desde o mesmo período do ano de 1992 e praticamente o dobro do verificado nos primeiros quatro meses do ano passado.

Esta iniciativa tem redundado em ritmo produtivo de frangos de corte infinitamente menor do que o observado há um ano, conforme a mesma fonte. Afinal, os 2 milhões de toneladas de carne produzidos no primeiro semestre de 1996 representaram apenas 1,1% a mais do que um ano antes, enquanto a produção do mesmo período em 1995 revelava-se 23% maior do que a obtida no primeiro semestre de 1994, que foi de 1,6 milhão de toneladas.

De qualquer forma, a frustração esperada para a segunda safra afetará o estoque final do grão, que fora inicialmente previsto em 3 milhões de toneladas. Nesse caso, o país iniciaria o ano-safra 1996/97 com o equivalente a menos de um mês de consumo. Dado que tal situação seria temerária, em se tratando de insumo tão estratégico para a criação de aves e suínos, aparentemente não restará outra opção a não ser adquirir externamente, até a entrada da nova colheita de verão, quantidade maior do que a estimada em maio último no balanço de oferta e demanda da Conab (1,5 milhão de toneladas).

[1] Dados da Conab datados de maio último, que incluem produção total de 33 milhões de toneladas, estoque inicial de 7,3 milhões e importações de 1,5 milhão.

IRENE RAGUENET TROCCOLI